

O Mangubeat como Movimento Cultural de Oposição ao Descaso do Estado fora do Eixo Rio-São Paulo¹

Mangubeat as a Cultural Movement of Opposition to the State's Neglect outside the Rio-São Paulo Axis

ÉDER DE SOUZA BEIRÃO

Mestrando em Desenvolvimento Social pela
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
ederbeirao@gmail.com

LUANA PATRÍCIA BARROSO DE CARVALHO

Mestranda em Desenvolvimento Social pela
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
luhbarroso@yahoo.com.br

EDUARDO VINÍCIUS PEREIRA BARBOSA

Mestrando em Desenvolvimento Social pela
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
eduardovpb@gmail.com

ANNE MARIELLE CASTRO DE CARVALHO

Mestranda em Desenvolvimento Social pela
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
marielle_advocacia@hotmail.com

MARCOS ESDRAS LEITE

Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social pela
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
marcosesdrasleite@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar como o Mangubeat se constituiu e se tornou um movimento cultural de oposição ao descaso do Estado fora do Eixo Rio-São Paulo. Este estudo se utiliza de pesquisa bibliográfica para o alcance de seus objetivos geral e específicos. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa. O processo de globalização tem convocado a cultura a produzir respostas à cultura hegemônica e globalizada. A cultura tem abandonado suas características homogêneas e globalizadas, pois movimentos indicam um sentido de heterogeneidade cultural. Na década de 1990, a cidade do Recife/PE presenciava o nascimento de uma nova forma de se fazer música que era resultado da mistura de ritmos tradicionais recifenses com elementos da cultura pop. Tal estilo musical era o Mangubeat, que abriu espaço para conversas sobre o que poderia ser feito para melhorar a realidade recifense. Este movimento é oriundo do processo de globalização e da necessidade da criação de ritmos que evidenciem mais a cultura e realidade local/regional em detrimento da global. A conclusão que se pode chegar é que o Mangubeat extrapola a dimensão cultural e acaba envolvendo a econômica e social.

Palavras-chave: Mangubeat. Eixo Rio-São Paulo. Recife.

¹ Artigo submetido para avaliação em 17/09/2019 e aprovado em 01/04/2020.

ABSTRACT

The present work aims to identify how the Mangubeat was constituted and became a cultural movement of opposition to the State neglect outside the Rio-São Paulo axis. This study uses intense bibliographical research to reach its general and specific objectives. This is a descriptive and exploratory research with a qualitative approach that uses technical procedures of bibliographic research. The process of globalization has called on culture to produce responses to hegemonic and globalized culture. Culture has tended to abandon its homogeneous and globalized characteristics, as movements indicate a sense of cultural heterogeneity. In the 1990s, the city of Recife / PE witnessed the birth of a new way of making music that was the result of the mixture of traditional Recife rhythms with elements of pop culture. This is Mangubeat, a musical style that has opened space for conversation about what could be done to improve the reality of Recife. This movement comes from the process of globalization and the need to create rhythms that highlight the local / regional culture and reality to the detriment of the global one. The conclusion that can be drawn is that Mangubeat goes beyond the cultural dimension and ends up involving the economic and social.

Keywords: Mangubeat. Rio-São Paulo Hub. Recife.

1 INTRODUÇÃO

A contracultura é um fenômeno histórico que teve seu início na década de 1960 e adotava uma postura crítica radical à cultura tradicional (MARQUES, 2004). A mesma era compreendida como sendo a cultura marginal, que independe de reconhecimento oficial e desobedecia ao que era classificado nos quadros acadêmicos. Ela surgiu como antídoto e/ou anticorpo contra as doenças da cultura tradicional, preservando assim o que restava da saúde existencial que passava a ser exigido pelo instinto de sobrevivência humana de nossa vida comum (PEREIRA, 1986). Ou seja, a contracultura surgia como uma forma dos jovens da década de 1960 escaparem dos limites que foram impostos pela cultura ocidental (MARQUES, 2004).

Os jovens que integraram tal movimento empenhavam-se na busca de sua liberdade, com o intuito de promover a desrepressão² e procurar a autenticidade da cultura e da arte (HOLLANDA E GONÇALVES, 1980). O surgimento da contracultura ocorreu em decorrência da busca de uma essência libertadora sobre a repressão da tecnocracia (RIBAS, 2016). De acordo com Beirão (2017, p.1),

[...] esse contexto de mudanças de paradigmas e pensamento também impregnou o Brasil, fazendo surgir o movimento do tropicalismo. Mais tarde foi a vez da capital pernambucana, Recife/PE, inspirar-se e se revoltar contra a tradição e criar um movimento cultural novo e irreverente, o Mangubeat (BEIRÃO, 2017, p.1).

² Ato ou efeito de desreprimir. A qual significa fazer cessar a repressão existente contra outra. Neste a caso, a repressão refere-se aos jovens que integravam a contracultura.

Assim, foi definido o seguinte problema de pesquisa: Como o Manguebeat se constituiu e se tornou um movimento cultural de oposição ao descaso do Estado fora do Eixo Rio-São Paulo?

Com o intuito de responder essa questão, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a constituição do movimento Manguebeat e suas contribuições para o desenvolvimento cultural regional. Com vistas a alcançar o objetivo geral do estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (1) Conceituar o movimento Manguebeat; (2) Resgatar conceitos como cultura, desenvolvimento, desenvolvimento local, metrópole e megalópole; (3) Evidenciar o processo histórico de criação do movimento Manguebeat fora do Eixo Rio-São Paulo.

2 DESENVOLVIMENTO E CULTURA: A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Conceituar o termo desenvolvimento é uma tarefa difícil devido à multiplicidade de conceitos e modelos criados. O conceito de desenvolvimento sempre trouxe e continua a suscitar abordagens e as mais variadas controvérsias.

Desenvolvimento é um termo multifacetado que tem como cognatos imediatos “crescimento” e “progresso”. As ideias sobre o que é ser desenvolvido têm suas raízes na superioridade do hemisfério Norte sobre o Sul, dos países centrais do sistema capitalista sobre os países periféricos. Neste processo, os países considerados “não desenvolvidos” ou que estão “em desenvolvimento” sofrem pressões culturais dos países que se intitulam desenvolvidos (GUERRA E SILVA, 2012).

A validação científica e o reconhecimento político-institucional do conceito de desenvolvimento só ocorreu após a Segunda Guerra Mundial (AMARO, 2017).

Estudos acerca do desenvolvimento ganharam posição de destaque na agenda dos cientistas sociais da América Latina desde o final da Segunda Guerra Mundial que ocorreu entre os anos de 1939 e 1945, até o final da década de 70. Estes estudos foram orientados por duas correntes de pensamento distintas, a liberal e a estruturalista. Existem diferenças entre a corrente de pensamento liberal e estruturalista. A corrente liberal defende que o mercado seja o mecanismo regulador da economia e da sociedade, o individualismo seja o motor da ação social, além da sinonímia entre o crescimento econômico e o desenvolvimento, cujo caráter evolutivo recomenda, em termos gerais, que sejam copiados os modelos e experiências dos

denominados países desenvolvimento para que essa condição seja atingida pelos demais países (GOULART, 2006).

A corrente histórico-estruturalista, por sua vez, baseia-se nos trabalhos desenvolvidos pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e seus intelectuais, Raúl Prebisch e Celso Furtado, que questionavam a lógica liberal, especialmente mediante a formulação de categorias teórica-empíricas como a dicotomia existente entre o “centro” (países desenvolvidos) e a “periferia” (países subdesenvolvidos ou não-desenvolvidos) na estruturação do sistema econômico mundial e a definição das características particulares e intrínsecas do subdesenvolvimento (GOULART, 2006).

Já foram estabelecidos uma multiplicidade de conceitos e modelos de ‘desenvolvimento’. O termo em questão, durante muito tempo, passou a conotar apenas o crescimento econômico e progresso.

Conforme Guerra e Silva (2012, p. 207-8), quando a palavra ‘desenvolvimento’ é utilizada por economistas, “[...] há uma tendência para utilizar indicativos tais como Produto Interno Bruto (PIB), índices de produtividade de setores de atividades produtivas, o nível de desenvolvimento tecnológico, tudo direcionando para o alvo do crescimento econômico”.

Tendo em vista o contexto histórico e econômico, Guerra e Silva (2012) também afirmam que mais recentemente a palavra desenvolvimento passou por um processo de ressignificação, passando a ter como imediatos cognatos os termos “sustentabilidade”, “humano”, “social”.

A ideia aplicada pelo pensamento econômico que supunha o progresso material que racionaria a pobreza e a disparidade social, tem cedido espaço e construindo um foco de desenvolvimento voltado aos valores e à cultura humana. Sendo assim, o novo modelo de desenvolvimento busca a valorização do ser humano (KLIKSBURG, 1999).

Esta nova concepção do desenvolvimento inclui, além dos econômicos, os aspectos sociais, ambientais e políticos com a intenção de estabelecer uma abordagem qualitativa e quantitativa da definição do termo em questão. Desse modo, desenvolver-se significaria não somente a melhoria dos aspectos materiais da vida dos indivíduos de uma determinada região/área/cultura, mas também assegurar-lhes o bem-estar social, incluindo a garantia da dignidade humana para todos, bem como o manejo racional, consequente – democrático, humano e ético – do meio ambiente (GUERRA E SILVA, 2012).

O desenvolvimento precisa ir além da simples progressão material, devendo promover a justiça, o acesso à informação, à educação e o “empoderamento” de toda sociedade envolvida no processo, considerando-o uma metodologia de amadurecimento

cultural e social (JARA, 1999). Neste cenário, a cultura, em especial, torna-se preponderante para o desenvolvimento.

Assim como é difícil conceituar desenvolvimento, tem-se a dificuldade de conceituar o termo cultura, pois trata-se de um termo ambíguo que pode possuir uma multiplicidade de conceitos e definições. Segundo Laraia (1997), a primeira definição de cultura no sentido antropológico pertence a Edward Taylor, que sintetizou os termos germânico *kultur* e o francês *civilization* no vocábulo inglês que ele chamou de *culture*.

A expressão em questão representa todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos (CANEDO, 2009).

Trata-se de um termo que conota uma diversidade de significados. A cultura enuncia diversos significados, podendo, para alguns, ser definida como cinema, dança, música, pintura e teatro, sendo assim relacionada às atividades de ordem artística, de entretenimento, que pode ser chamada de definição estrita (AYOADE, 1989).

A cultura não se restringe a dimensão artística. Ela vai mais além e consegue contribuir para a melhoria das demais dimensões, como a econômica e social. A cultura compreende as expressões materiais e não materiais de um determinado grupo ou povo, bem como, os processos através dos quais elas se comunicam, transmitem ou partilham. A cultura envolve todas as expressões e processos sociais, intelectuais, éticos, artísticos e científicos de um povo que vive numa área geográfica delimitada, incluindo tudo aquilo que eles transmitem. A cultura descreve semelhanças entre os habitantes de um território físico ou emocional, aquilo que fazem estes experimentarem um sentimento de unidade, de pertencimento que acaba por se desdobrar em desejos de cultivo e de transmissão intergeracional (ORTIZ, 2008).

A cultura pode ser considerada um fator preponderante na coesão social, uma vez que, a existência de raízes culturais fortalecidas em uma determinada localidade favorece a reprodução da organização sócio comunitária, do associativismo e da gestão participativa. Além disso, a cultura pode se transformar em um instrumento de melhoria social e econômica, à medida que o desenvolvimento cultural mantém a integridade da identidade coletiva e busca construir possibilidades e emersão cultural, social e econômica (KLIKSBERG, 1999).

Ao ser analisada como um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento, a cultura pode e deve desempenhar papel de suma importância para o melhoramento de aspectos sociais na busca contínua pela qualidade de vida, pois quando uma determinada sociedade se envolve com a defesa e valorização de sua cultura e identidade, a mesma passa a reconhecer sua história e consegue driblar as dificuldades existentes no local. Sendo assim, a criatividade social se torna a peça chave para que se encontre subsídios para o desenvolvimento de alternativas que promovam benefícios locais (VERHESLT, 1992).

A cultura local deve fortalecer a autoestima e dar sentido às comunidades, além de valorizar o desenvolvimento de atividades criativas que surgem mediante os valores e as necessidades (MARTÍN, 2001). Conforme Oliveira (2006, p.41), “[...] a questão cultural é um dos itens que pode contribuir para a valorização das potencialidades coletivas e individuais, favorecendo à plena realização dos anseios comunitários tornando-se o melhor e mais eficaz dos vetores de desenvolvimento local”.

O desenvolvimento deve ser compreendido levando-se em consideração os aspectos locais, aspectos que tenham significado em um determinado território, assim o global passar a ter sua importância associada ao local e vice e versa, já que o primeiro está em constante mudança em decorrência das interferências do outro. Por este motivo, muitos autores utilizam o termo “glocal”, buscando juntar os dois aspectos para se referir ao desenvolvimento (PETITINGA, 2007). Corroborando com tal afirmação, Rist (1996, *apud* MILANI, 2005, p.8) afirma “[...] em matéria de desenvolvimento não se pode antecipar os passos futuros de forma independente da realidade local, realidade esta que tem suas implicações peculiares”.

Segundo Petitinga (2007, p.1), “[...] o desenvolvimento local não está relacionado unicamente com crescimento econômico, mas também com a melhoria da qualidade de vida das pessoas e com a conservação do meio ambiente”. Conforme a autora, estes fatores estão inter-relacionados e são interdependentes, pois se existe crescimento econômico, há um consequente aumento da renda e das riquezas, além da melhoria das condições de trabalho. Se existe trabalho digno e gerador de riquezas em uma determinada localidade, este tende a contribuir para a melhoria das oportunidades sociais ofertadas à coletividade. Da mesma forma, a problemática do meio ambiente não pode ser dissociada da social (PETITINGA, 2007).

O desenvolvimento local pressupõe uma transformação da realidade local (MILANI, 2005). Para Sachs (2001, p.48)

Isto implica em uma preocupação não apenas com a geração presente, mas também com as gerações futuras e é neste aspecto que o fator ambiental assume fundamental importância. O desgaste ambiental pode não interferir diretamente a geração atual, mas pode comprometer sobremaneira as próximas gerações. (SACHS, 2001, p.48).

Outro aspecto relacionado ao desenvolvimento local é que ele implica em articulação entre diversos atores e esferas de poder, seja a sociedade civil, as organizações não governamentais, as instituições privadas e políticas e o próprio governo. Cada um dos atores tem seu papel para contribuir com o desenvolvimento local (BUARQUE, 1999).

3 RECIFE/PE E A ORIGEM DO MANGUEBEAT: UM MOVIMENTO CULTURAL DE OPOSIÇÃO AO DESCASO DO ESTADO FORA DO EIXO RIO-SÃO PAULO

Nesta seção, serão apresentadas a discussão e as fontes bibliográficas que evidenciam o fato de o Manguebeat ter se constituído e se tornado um movimento cultural de oposição ao descaso do Estado fora do Eixo Rio-São Paulo e ter contribuído para o desenvolvimento local do município do Recife/PE.

Inicialmente, foi realizada uma abordagem conceitual do movimento Manguebeat e temas correlatos. Posteriormente, buscou-se trazer à cena, os fatos que promovem o cumprimento do objetivo geral do estudo e por consequência seus objetivos específicos.

Em meados da década de 1990, o município do Recife/PE presenciava o nascimento de uma nova maneira de fazer música e sentir-se recifense, combinando elementos exógenos em misturas sacrílegas aos olhares mais tradicionais. Em nenhuma outra oportunidade o discurso identitário, que misturava a cultura pop e o híbrido, se mobilizou tanto nos meios de comunicação em massa na capital do Pernambuco (RAMALHO, 2015).

Chico Science e Fred Zero Quatro buscaram inspiração nos ritmos tradicionais do Pernambuco, como é o caso do maracatu, somando a eles estilos de música, como o *rock* e o *hip-hop* e agregaram a estes a necessidade da mobilização de mídias e produções independentes, na lógica “*do it yourself*” (do inglês, faça você mesmo) do *punk* inglês (RAMALHO, 2015). Assim surgia o Manguebeat, um dos movimentos culturais e artísticos da música pop brasileira (KISCHINHEVSKY E HERSCHMANN, 2006).

Conforme Campos Júnior (2013, p. 1),

[...] em meio a pobreza e a ausência do poder público que a capital pernambucana sofria, surgia o Manguebeat, primeiramente não como um movimento musical, mas como um espaço para ser conversar sobre o que poderia ser feito para melhorar a realidade do local em que se vivia (CAMPOS JÚNIOR, 2013).

Segundo Kischinhevsky e Herschmann (2006), o movimento tem como principais características suas letras, críticas ao abandono econômico-social do mangue e a desigualdade de Recife/PE. Algumas definições, como o conceito de metrópole, devem ser previamente compreendidas antes de se buscar entender a importância e a influência do Manguebeat como movimento cultural de oposição ao descaso do Estado fora do eixo Rio-São Paulo.

Metrópole é um município com elevado desenvolvimento urbano que organiza em torno de si uma centralidade que acaba por estabelecer uma rede de cidades que possuem uma relação de dependência, compondo assim uma rede urbana, onde são concentradas as principais atividades, empregos e capitais de uma determinada região (PENA, 2018).

Recife/PE se tornou uma metrópole e Fred Zero Quatro (1991) discorre sobre este fato do manifesto Caranguejos com Cérebro:

[...] uma cínica noção de ‘progresso’, que elevou a cidade ao posto de ‘metrópole’ do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade. Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da ‘metrópole’ só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano (QUATRO, 1991, s/p).

O progresso chegou ao município de Recife/PE e provocou mudanças estruturais de toda ordem, acirrando as desigualdades. Quando o espaço de uma metrópole se une de forma relevante a outras cidades (chamadas de cidades-satélites), observa-se a formação de uma região metropolitana. O fenômeno relacionado com essa união entre os diferentes espaços urbanos das cidades metropolitanas é chamado de conurbação (PENA, 2018).

Conforme Cunningham (2005, p. 13), a população rural tende a cair, “[...] o que significa que todo o crescimento futuro da população, efetivamente, será um fenômeno urbano”. Assim, o ritmo do processo não pode ser subestimado, tanto em termos gerais quanto em termos particulares. Este rápido desenvolvimento implica novas formas de urbanização, como é o caso do “corredor” urbano que pode muito bem funcionar como uma base futura para a megalópole.

A megalópole seria o aglomerado (conurbação) de várias metrópoles ou regiões metropolitanas (FARIA, 2018). O Brasil possui uma megalópole, localizada na região sudeste, mais conhecida como a megalópole brasileira ou eixo Rio-São Paulo. Outros termos que podem ser utilizados para denominar esta região são os de megalópole Rio-São Paulo e megalópole do sudeste brasileiro. A megalópole brasileira é o termo usado para se referir ao

processo de conurbação existente entre o Complexo Metropolitano Expandido, no estado de São Paulo, e a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Conforme a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (2007, p. 1), “[...] não faz sentido imaginar, no mundo globalizado, que o futuro da região metropolitana do Rio de Janeiro possa ser pensado de forma totalmente isolada daquele da de São Paulo (e vice-versa), nem muito menos reeditar rivalidades já anacrônicas”³.

Assim, há uma organização do mundo em torno das metrópoles provocada pelo processo de globalização. Este processo corresponde à realidade social, econômica, política e cultural de âmbito transnacional, que modifica o lugar e o significado do que preexiste, sendo assim, tudo que é local, regional, nacional recebe o impacto da transnacionalização. Com o globalismo, a sociedade global passa a se desenvolver em um cenário problemático e contraditório (IANNI, 1997).

A globalização pode ser observada a partir das mais diversas dimensões, especialmente da cultural e artística, que também se diversifica a nível geográfico, ou seja, a global, nacional e regional. Santos (2000, p. 69) afirma que “[...] para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade”.

O próprio processo de globalização facilita um maior fluxo de informações que acaba gerando um maior volume de conteúdo. Conforme Santos (2000, p. 9), ao falar da violência da informação no processo de globalização hegemônica acaba afirmando que “[...] um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação”. As técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades.

De acordo com Santos (2000, p.19-20), “[...] é desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle”.

Apesar desta característica centralizadora e hegemônica do processo de globalização sobre a informação, Kischinhevsky e Herschmann (2006, p. 104) afirmam que “[...] o intenso fluxo de conteúdos provenientes de outros países, especialmente a partir da

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **A Megalópole Brasileira**. Rio Janeiro: UFRJ, 2007. Disponível em: <<https://www.ie.ufrj.br/datacenter/ie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto1908.pdf>>. Acessado em 20 de maio de 2018.

segunda metade do século XX, impõe às culturas locais acentuadas possibilidades de intercâmbio num dialogismo constante com o global”.

O processo, a despeito da visão crítica predominante nos anos 1960 e 1970 (WERTHEIN, 1979; BELTRÁN E CARDONA, 1982), está consideravelmente distante de uma imposição cultural e muito mais próximo de uma permanente reelaboração cultural, em que os influxos e as inovações, locais e globais, produzem constantes interpelações e respostas. Uma das maiores consequências desta evolução foi a nova significação da cultura popular. O processo em questão tornou a mesma capaz de rivalizar com a cultura de massas (SANTOS, 1982).

O processo de globalização, sobretudo a globalização hegemônica, tende a valorizar apenas o global, porém há uma tendência de valorização do local (“lugar”), a cultura popular, as tradições e particulares, o regional. Escobar (2005, p. 69) aponta o fato de que o conceito de “lugar” foi novamente abordado de vários pontos de vista, de sua relação com o entendimento básico de ser e conhecer, até seu destino sob a globalização econômica.

Para Kischinhevsky e Herschmann (2006, p. 104):

[...] assim, tanto nas tradicionais expressões estético-culturais quanto nas suas manifestações contemporâneas, o que se constata é uma cultura convocada a produzir respostas a determinados referentes mais gerais, internacionais ou hegemônicos, em nível nacional (KISCHINHECKY E HERSCHMANN, 2006, p.104).

Esta produção de respostas constitui-se em uma alternativa ou respostas à cultura hegemônica e globalizada imposta em nível global e nacional aos mais variados países e regiões do mundo.

De acordo com Kischinhevsky e Herschmann (2006, p. 104):

[...] a globalização da economia e o fluxo de bens e produtos culturais facultam a criação de nova ‘subculturas’, como espaços (momentâneos, nem sempre duráveis por longo tempo) de expressão de especificidades e de celebração da alteridade (KISCHINHECKY E HERSCHMANN, 2006, p. 104).

Conforme Kischinhevsky e Herschmann (2006, p. 104), “[...] movimentos que indicam mais um sentido de heterogeneização cultural (ou multiculturalismo) do que homogeneização, como parecia indicar, poucas décadas atrás, o debate em torno da mídia e de seu papel pacificador frente às culturas populares e tradicionais”.

Este movimento de protagonismo e valorização das culturas locais em detrimento da global invadiu as fronteiras e chegou ao Brasil, em decorrência do avançar do processo de

globalização. O global deixou de possuir o monopólio da importância e o local (o lugar ou o regional) passou ou mesmo voltou a ter importância no que tange ao processo de globalização.

Com isso, a hegemonia cultural dos grandes centros urbanos foi afetada. Havia nos primeiros anos do século XXI um desejo de construir estilos de vida e do estabelecimento ou fortalecer identidades locais (ou globais), conseguir mais visibilidade e interação por meio da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). As manifestações regionais ganharam força e voz, influenciando gerações e ditando modas, até em cidades distantes dos grandes centros (KISCHINHEVSKY E HERSCHMANN, 2006).

Segundo Kischinhevsky e Herschmann (2006, p. 102), neste novo contexto “[...] questões sobre a regionalização têm de ser urgentemente revistas”. Não se podem mais analisar as manifestações culturais regionais apenas a partir da ótica da conservação de registros ou da noção de um patrimônio cultural a ser preservado, e sim é fundamental que se reflita sobre sua inserção e sua visibilidade numa indústria cultural cada vez mais globalizada e pulverizada (KISCHINHEVSKY E HERSCHMANN, 2006).

O Brasil passa pelo processo de resignificação e protagonismo de suas culturas regionais em comparação àquelas que são valorizadas e cultuadas dentro do Eixo Rio-São Paulo. A megalópole foi onde a indústria cultural do Brasil foi construída e se consolidou.

O Recife/PE é um dos grandes exemplos desse processo. Em uma terra onde o frevo e o maracatu eram seus ritmos tradicionais, o processo de regionalização cultural fez com que em meados dos anos 1990, músicos pernambucanos misturassem o *rock*, o *pop*, o *rap*, o *funk* e o *hardcore* aos ritmos locais e criassem o Mangubeat.

Hoje, os manguboys e mangugirls são indivíduos interessados em *hiphop*, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência (QUATRO, 1991, s/p.).

Esse processo de regionalização da cultura se difundiu em decorrência do movimento jovem. Para Hobsbawn (1995), a juventude foi alicerçada por meio do estabelecimento de três fatores. Primeiro, ela passou a ser vista não como um estágio preparatório para a vida adulta, mas como o estágio final do pleno desenvolvimento humano. Segundo ela, se tornou massa concentrada de poder de compra, cujos jovens eram mais propícios ao consumo de novas tecnologias e de novos produtos no mercado, diferentemente

de grupos etários mais conservadores. O terceiro fator foi o internacionalismo da nova cultura jovem nas sociedades urbanas (HOBSBAWN, 1995).

Em um cenário de influência da cultura global, o Brasil foi crescendo e criando sua própria cultura, como foi o caso do Recife/PE. Segundo Beirão (2017, p. 3), “[...] em um cenário cultural, onde os maiores exemplos eram a bossa nova e o tropicalismo, surgiu o Manguebeat, a partir do lançamento do manifesto “Caranguejos com Cérebro”, em 1991, por Fred Zero Quatro, integrante do grupo Mundo Livre S/A”.

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. (QUATRO, 1991, s.p.).

Ou seja, o Manguebeat veio trazer energia e frescor ao Recife/PE, bem como para sua cultura, sociedade, população e economia. O desenvolvimento promovido pela ascendência deste movimento não se prende apenas a aspectos econômico-financeiros. O mesmo transcende as barreiras, agindo e exercendo influência sobre a dimensão social, cultural, filosófica, artística etc.

Com o passar do tempo, o movimento cultural e artístico do Manguebeat foi tomando cada vez maior proporção, contribuindo para o desenvolvimento local da capital e do Pernambuco e acabou por transpor as fronteiras da cidade do Recife/PE, do Estado e hoje tem reconhecimento nacional e até internacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo geral analisar a constituição do movimento Manguebeat e suas contribuições para o desenvolvimento cultural regional. Assim, por meio da realização desta pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais acerca do movimento cultural do Manguebeat e sua importância para a cidade do Recife/PE, o estado do Pernambuco e para todo o Brasil.

Além disso, o estudo possibilitou entender como este movimento foi criado e se desenvolveu em meio a uma cultura global e centralizadora proveniente dos grandes centros urbanos, como é o caso do Eixo Rio-São Paulo.

A conclusão é que o movimento Mangubeat se deu não só como fruto da mutação e da mistura de outros ritmos e movimentos culturais, como é o caso do maracatu e da cultura pop. O Mangubeat extrapola a dimensão cultural e envolve a econômica e social, se tornando preponderante para o desenvolvimento local do Recife/PE e da região.

O movimento aqui pode ser entendido como um tipo de resposta, uma alternativa a cultura global. Com ele, o local (o regional) não só voltou ou mesmo passou a ser valorizado, como ganhou projeção nacional e internacional e ainda deu voz aos excluídos, em meio ao descaso cultural, social e econômico no qual a cidade do Recife/PE se defrontava, o estado do Pernambuco, a região nordeste, o Brasil, respectivamente. Por meio do movimento cultural a cidade cresceu e se desenvolveu, desenvolvendo-se localmente e globalmente.

Este estudo, por sua vez, abre precedente para a realização de pesquisas mais avançadas acerca da influência do movimento cultural do Mangubeat sobre a dimensão socioeconômica do Recife/PE, da região nordeste e do Brasil, com vistas a descobrir como este movimento que “deu vez e voz” aos recifenses, podendo este ter colaborado para o desenvolvimento social e econômico do estado do Recife e do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARO, Rogério Roque. Desenvolvimento ou Pós-Desenvolvimento? Des-Envolvimento e Noflay! **Cadernos de Estudos Africanos**, n.34, Lisboa, dez.2017.

AYOADE, John A. A. The cultural debate in Africa. **The Black Scholar**, v.20, n.5, 1989.

BARBALHO, Glauco. **Mangubeat**. São Paulo: Memorial da Democracia, 2017. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/page/bronca-social/estilos/Mangubeat>> Acesso em: 26 de Maio de 2018.

BEIRÃO, Éder de Souza. **A Gênese do Movimento Mangubeat**. In: Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre – UeadSL 2017.2. Belo Horizonte: UFMG, 2017. Disponível em: <<http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=8735>> Acesso em: 28 de abril de 2018.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA, 1999.

CAMPOS JÚNIOR, Pedro de. **Mangu Beat: muito além de Chico Science**. São Paulo: SESC-SP, 2013. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7182_MANGUE+BEAT+MUITO+ALEM+DE+CHICO+SCIENCE> Acesso em: 19 de Abril de 2018.

CANEDO, Daniele. “**Cultura é o quê?**” – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>> Acesso em: 05 de Julho de 2018.

CUNNINGHAM, David. The concept of metropolis: philosophy and urban form. **Radical Philosophy**, p. 13-25, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar:** globalização ou pós-desenvolvimento? En: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8_Escobar.pdf> Acesso em: 20 de Maio de 2018.

FARIA, Caroline. **Metrópole e Megalópole.** São Paulo: Infoescola, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/metropole-e-megalopole/>> Acesso em: 20 de Maio de 2018.

FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo. **Construções do tempo e do outro:** representações e discursos midiáticos sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

GOULART, Sueli. **Uma abordagem ao Desenvolvimento Local inspirada em Celso Furtado e Milton Santos.** Cadernos EBAPE, Volume IV – Número 3 – Outubro 2006.

GUERRA, Lemuel Dourado; SILVA, Jairo Bezerra da. Cultura e desenvolvimento: uma visão crítica dos termos do debate. In BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Júlio César Cabrera; CORIOLANO, Luiza Neide (Orgs.). **Turismo, cultura e desenvolvimento.** Campina Grande: EDUEPB, 2012.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** 4.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JARA, Carlos Júlio. **Capital Social:** construindo redes de confiança e solidariedade. Quito: NEAD, 1999.

KISCHINHEVKY, Marcelo; HERSCHMANN, Micael. **Manguebeat** – A “parabólica da lama” modernizando o passado: representações da nova música regional do Brasil. In: FREIRE FILHO, João; VAZ, Paulo. **Construções do tempo e do outro:** representações e discursos midiáticos sobre a alteridade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

KLIKSBERG, Bernardo. Capital social y cultura: claves esenciales del desarrollo. **Revista de la CEPAL** (69), p. 85-102, dez. /1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino da década de 70**. São Paulo: Annablume, 2004.

MARTÍN, José Carpio. Desarrollo local para un nuevo desarrollo rural. In: Interações. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. Campo Grande: UCDB, 2001. vol.2, n. 3, p. 57-66.

MILANI, Carlos. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil)**. In: VI Conferência Regional ISTR-AC. San José: ISTR, 2003.

OLIVEIRA, Anelize Martins de. Ensaios teóricos: o significado da cultura para o turismo com base local. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 6, n. 4, 2006.

ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento. **Políticas Culturais em Revista**, 1(1), p. 122-128, 2008.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é MetrÓpole?** São Paulo: Brasil Escola, 2018. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-metropole.htm>>. Acesso em: 19 de maio de 2018.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

PETITINGA, Carolina Santos. Desenvolvimento Local. In: ALMEIDA, M. C. F. **Mais definições em trânsito**. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/DESENVOLVIMENTOLOCAL.pdf>> Acesso em: 19 de Agosto de 2018.

QUATRO, Fred Zero. **Caranguejos com Cérebro** (manifesto). Recife/PE, 1991. Disponível em: <<http://www.projetoautonomiaemcepag.xpg.com.br/Caranguejos%20Com%20C%C3%A9rebro.pdf>> Acesso em: 19 de Agosto de 2018.

RAMALHO, Renan Vinícius Alves. **As Fronteiras do Jardim da Razão: o manguebeat e o espaço da regionalidade no Recife na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em História) – Natal/RN: UFRN, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20419/1/RenanViniciusAlvesRamalho_DISSERT.pdf> Acesso em: 28 de abril de 2018.

RIBAS, Rafael Malvar. **Contracultura Musical Brasileira: movimentos e particularidades**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2953/5/Rafael%20Malvar%20Ribas.pdf>> Acesso: 29 de abril de 2018.

RIST, Gilbert. **Le développement** - Histoire d'une croyance occidentale. Paris: Presse de la fondation nationale de sciences politiques, 1996.

SACHS, Ignacy. Das coisas e dos homens: Teoria do Desenvolvimento à espera de sua revolução copernicana. **Jornal da Ciência** (JC E-Mail) - Notícias de C&T - Serviço da SBPC, no. 1836. São Paulo, 23 de julho de 2001.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec: ANPUR, 1998. p. 15-20.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VERHELST, Thierry G. **O direito à diferença**: identidades culturais e desenvolvimento. Trad. Maria Luíza César. Petrópolis: Vozes, 1992.